

Flor e pedrarias¹

Flower and rocks

Sobre *Poemas reunidos: 1952-2001* (Belém: EDUFPA, 2001), de Max Martins.

Tarso de MELO²
Poeta, São Paulo

RESUMO: Esta ‘resenha-antologia’, convoca duas faces de Max Martins: a do poeta parceiro de Age de Carvalho, co-autor de *A fala entre parêntesis*, e a do autor ausente das listas dos maiores poetas brasileiros. Depois de recuperar a curta fortuna crítica sobre sua poesia, pelo texto de Benedito Nunes, o ensaio destaca a não inserção da produção de Max no mercado editorial do Sudeste e apresenta um breve percurso literário e biográfico do poeta, desde *O estranho* (1952) até *Colmando a lacuna*. Encarando o poema como espaço de tensão, e buscando retratar a postura adotada pelo poeta diante da vida, do homem e da própria poesia, aponta para uma trajetória poética que se afirma descontinuamente, na qual o motor de criação é a crise permanente diante da linguagem e seus temas poéticos.

PALAVRAS-CHAVE: Max Martins. *O estranho*. *Colmando a lacuna*. Crise.

ABSTRACT: This ‘anthology-review’ brings up two facets of Max Martins: that of the partner of other poets, such as Age de Carvalho, co-author of *A fala entre parêntesis*, and another of the author who is absent from most lists chasing the greatest Brazilian poetry. After discussing his short critical fortune, sum up by Benedito Nunes in his notorious article, this text highlights another absence: the lack of interest from publishing houses from the southeast of Brazil concerning his work. The article also presents a brief literary path and biography, from his first book till *Comando a lacuna*. By understanding the poem as a form where tension lies, and by trying to portray the attitude of the poet towards life, mankind and poetry itself, the text discusses the idea of a poetry that affirms itself discontinuously and through a permanent state of crisis, in terms of linguistic and thematic options.

KEYWORDS: Max Martins. *O estranho*. *Colmando a lacuna*. Crisis.

Recebido em 16 de novembro de 2016.

Aprovado em 27 de novembro de 2016.

¹ A presente “resenha-antologia” foi escrita em 2003, como parte de um esforço pessoal do autor para divulgar a obra de Max Martins. Para tanto, já foi publicada anteriormente, com pequenas alterações, no site *Weblivros* (2003), no *K – Jornal de Crítica* (n. 3, 2006) e no livro *Poesia (Im)Popular Brasileira* (Lamparina Luminosa, 2012), organizado por Júlio Mendonça. Entre a segunda e a terceira publicação deste texto, é importante ressaltar que Max Martins faleceu (em 2009) e, mais recentemente, toda sua obra é objeto de um projeto refinado de reedição sob os cuidados do poeta Age de Carvalho, em volumes separados, com aparato crítico. Mantive aqui, no entanto, o tom da resenha escrita quando o poeta ainda estava vivo e o acesso aos seus livros era bem mais difícil do que na atualidade.

² Tarso de Melo é poeta, nascido em Santo André (SP), em 1976. Escreveu e organizou diversos livros. Seus livros de poesia estão reunidos no volume *Poemas 1999-2014* (Dobra/E-galáxia, 2015). Escreveu o prefácio de *Colmando a lacuna* (Ed. UFPA, 2015), volume 10 da poesia completa de Max Martins.

Há um Max Martins que conhecemos: aquele parceiro do poeta Age de Carvalho em *A fala entre parêntesis*, livro escrito à maneira de *renga* e incluído no volume *ROR*, em que Age reuniu sua obra até então na prestigiosa coleção Claro Enigma, editada pela Duas Cidades. A parceria, sem dúvida, resultou num belo conjunto de poemas, mas que é apenas a ponta de um *iceberg* constituído por mais de uma dezena de livros. E há um outro Max Martins, aquele que faz falta às dispensáveis listas de maiores poetas daqui e dali, de hoje e de ontem. Sim, repito, dispensáveis, mas, já que insistem em existir, delas deveria constar o nome deste que é um poeta magistral.

Uma ressalva, aqui, merece ser feita: o fato de Max Martins, na sua longa vida na poesia, não ter procurado (até onde sei) os caminhos editoriais do Rio ou São Paulo, fez com que seus livros todos passassem *estranhos* à poesia produzida no Brasil de 1952 (ano de estreia do poeta) até hoje, mesmo com reedições de suas “obras completas” como a de 1992, em *Não para consolar*, e esta que há pouco a Editora da Universidade Federal do Pará colocou nas estantes: *Poemas reunidos: 1952-2001*.

O livro agora reúne toda a produção de Max Martins (inclusive o citado *A fala entre parêntesis*, com Age de Carvalho) a um livro novo, *Colmando a lacuna*, com sua produção até 2001, tudo isso apresentado por um longo ensaio de ninguém menos que Benedito Nunes, amigo pessoal de Max desde a adolescência, quando o crítico também se arriscava na poesia numa turma que incluía Mário Faustino e outros. O texto de Benedito Nunes – uma análise, sim, mas com muito de depoimento – revela em detalhes o progresso dessa turma que, como é fácil perceber, era bastante promissora.

Em meio a eles, havia Max Martins. Max não se destacou como Benedito Nunes, um dos mais importantes professores e críticos entre nós, nem como Mário Faustino, que numa passagem relâmpago – poeta, tradutor, crítico e incansável divulgador de poesia na sua mítica “Poesia-Experiência” – fez o suficiente para gravar seu nome em qualquer repertório sério da literatura moderna no Brasil.

Max fez um percurso muito diferente: de 1962 até 1990 foi inspetor administrativo e bibliotecário da Fundação Nacional de Saúde, sempre em Belém, cidade em que, por toda a vida, se dividiu “entre o amor pela família e o trabalho na Casa da Linguagem com a amiga (também escritora) Maria Lúcia Medeiros, os intermináveis saraus na casa do amigo Benedito Nunes, um ou outro copo de vinho com

os amigos no Bar do Parque, sua cabana na praia do Marahu, na ilha do Mosqueiro, as idas ao velho continente para visitar o também amigo e eterno parceiro de poesia, Age de Carvalho”, como afirma a professora Ângela Maroja.

Mas é possível perceber nos seus *Poemas reunidos* que Max nunca duvidou da poesia e manteve sempre com ela uma relação muito viva, não deixando que seu relativo *isolamento* (ainda que esta palavra pareça muito pesada) implicasse uma poesia também isolada. Entretanto, como sua presença é muito silenciosa (de modo injusto, mas aparentemente voluntário), deixemos este espaço para que a poesia de Max Martins se apresente: proponho, assim, uma espécie de “resenha-antologia” cruzando sua obra desde 1952, com *O estranho*, quando o poeta chega (em livro) ao mundo:

Do poema da infância, I

Que cabelos prende o laço róseo
flutuando entre nuvens?
(A menina do laçarote é loura, morena ou rica?)
Em que mala estará a Pierrot cor de jerimum?
Velocípede – revolução – Felisberto de Carvalho –
Angelita dos quadris morenos e peitos em embrião
Não me vejo menino sem Marieta.

Lê-se, então, um poeta cuja influência de Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes é clara – o ponto de vista do poeta diante da vida, na verdade, parecia fundir as duas influências ao lançar o *enfado* de Drummond (por exemplo, o de “Cidadezinha qualquer”) na típica vertigem do olhar que Murilo empreendia a seus objetos. Aliás, o poema acima lembra muito de perto o Murilo *voyeur* de diversos poemas em que focaliza uma certa descoberta da libido na distante Juiz de Fora.

Em 1960, quase dez após a estreia, o poeta lança seu segundo livro, *Anti-Retrato*, e volta a situar no horizonte de seus textos a ideia de estranhamento: o interlocutor a que o poema se dirige pode ser visto, sem muita ginástica, como a própria poesia, com cuja dor e perigos o ainda jovem poeta Max Martins (com pouco mais de trinta anos) se “corrige” e alimenta um “uso particular, estranho”:

O estranho

Alheio – contudo tão próximo.
Em ti busco a dor que me corrige
na tarde
em um a um dos teus perigos
que reduz em flor para meu uso
particular, estranho.
O teu grotesco
na impossibilidade de me deter
já me consola.
Ajusto as botas que me levam ímpar
calejado,
de gravata e triste.

Este, quase, já era Max Martins: “Alheio – contudo tão próximo”, mas ele chegaria mesmo à voz dura de sua poesia apenas no seu livro de 1971, *H´era*, com poemas de uma densidade imagética e sonora sem muito parentesco na poesia produzida por sua geração (claro, situá-lo em geração é um tanto impróprio, mas é importante ter em mente que Max Martins é apenas um pouco mais novo que João Cabral de Melo Neto e da mesma faixa etária que, entre outros menos famosos, Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Augusto de Campos, José Paulo Paes e Ferreira Gullar), como este:

Amor: a fera

Amor: a fera
no deserto ruminando
esta lava dentro do peito
dentro da pedra
dentro do ventre

amor lava

na planura rastejando
sulcos de febre-areia
planta no teu sexo
o cacto que mastiga
o falo que carrega
sobre os ombros
como um santo
um juramento
esta serpente

O poema, para Max Martins, já nesta época ganha a feição que possivelmente até os livros mais recentes o distingue: o poema, para ele, é este espaço tenso – o amor é fera, lava, febre, cacto, serpente. O curso de cada poema seu é tenso; a evolução de sua obra é tensa. Daí ter razão Benedito Nunes ao afirmar que “a poesia de Max, longe de ter tido um curso evolutivo tranquilo, desenvolveu-se aos sobressaltos, descontinuamente, em surtos de criação que formam sucessivos ciclos”, sem, contudo, deixar de notar, com igual razão, que “Não obstante as transformações por que tem passado, um fundo de originalidade distintiva interliga as diferentes fases dessa poesia, atravessando suas crises. A descontinuidade da evolução acoberta a continuidade de certas matrizes ou constantes, perduráveis, com modificações, em seus diversos ciclos”.

Mesmo quando Max Martins, em seus livros mais recentes, adota um referencial *zen*, em poemas perpassados por *koans* originalíssimos, não se perdem uma forma e um conteúdo tensos, ou seja, o motor de sua evolução continua a ser a crise permanente que o poeta se impõe diante da linguagem e de seus temas, de que são exemplares os versos nervosos de “Glifo”, que figura como uma espécie de *manifesto metalinguístico* em seu livro de 1980, *O risco subscrito*:

Glifo

Se escrevo: o corvo
(neste galho seco) estorvo
o céu de sua verdade
azul-primeira

E o vôo
travo
negro no branco
Turvo-o

Pois que escrevendo o cor-
(voraz hieróglifo) – isto
não é um corvo
ou um cavalo

mas um nome
descarnado: o homem
que assino em cruz
e em palha habito
escrito

Ou o túmulo
de um desconhecido (oculto) osso
tíbio

É o mesmo Max, como sempre andando sobre o fio tênue que o leva de um livro a outro, marcado por aquela continuidade e por aquela descontinuidade apontadas por Benedito Nunes em seu texto esclarecedor (republicado como prefácio à edição dos *Poemas reunidos*, mas escrito em 1991 e originalmente publicado no volume que reuniu a poesia de Max no início dos 1990, *Não para consolar*). Assim o poeta chega, também, a *Caminho de Marahu*, em 1983, quando emplaca esta definição:

(poesia)

Teu nome é não em cio e som farpados
Cilício escrito, escrita ardendo, dentro
se revendo
 fera
do silêncio úmido se lambendo, lábil
labiríntima lâmina se ferindo
 se punindo

Tomado por esse “Cilício escrito”, Max Martins, às vésperas de completar sessenta anos de idade e trinta e cinco de poesia, em 1985, lança os poemas de *60/35*:

Negro e negro

Sem tom nem som
– não tonsurada
Oculto de si própria
e de seu nome
cega

no seu ovo a letra-
aranha sonha
sabe:

Guarda o silêncio
antes do incêndio

Max Martins espalha por seus poemas diversas dicas para a interpretação de seu *modus operandi*. No poema acima, por exemplo, ao dizer que “a letra-aranha”, num

texto marcadamente metalinguístico, “Guarda o silêncio / antes do incêndio”, é bastante claro com relação à poética que desenvolveu durante toda sua vida.

Aproximações entre o fazer artístico e a “técnica” das aranhas já foram bastante exploradas (numa canção de João do Vale, num poema de Paulo Leminski), mas Max não se contenta com a simples alusão metafórica. Não se trata, aqui, da aranha como poeta, mas como sendo a própria letra: não é o poeta que tece o poema, é o poema que tece a si mesmo, num jogo de ocultações entre silêncio e incêndio.

Marahu Poemas, de 1991, revela outro jogo:

Detrás de tudo
para João Mendes

Entre ferrugens pontas
de cigarros lata
vazia
de Coca-Cola restos
cocô de gato lírios

O poeta, ao revelar a flor entre detritos, revela também muitos aspectos de sua postura diante da vida, do mundo, do homem, da poesia. Num outro arco, por exemplo, neste gesto pode ser lida alguma esperança com relação a soluções para aquele “rancor da idade na carga do poema” a que ele se refere em outro texto. Assim, a marca que Max descerra nos seus poemas mais recentes, os de *Colmando a lacuna*, de 2001, é a de um poeta que, com os precisos e reiterados golpes de sua linguagem, consegue encontrar alguma respiração entre os maciços destroços de nossa condição atual, como neste poema em que Max arrola os “bens” de sua cabana-exílio:

Marahu: primeira relação

2 formigas – operárias
 ápteras
ou novatas, não
de fogo mas
noturnas, doces
1 grilo
(depois aprisionado
pela aranha, morto
 ao amanhecer)
O canto dum galo
 e outro galo
 A saracura. A tarde
2 gaviões molhados
encolhidos no pau da árvore
 pensos

Garças
 sobre as pedras
 negras da praia
 Os urubus
o boto morto
um cão medroso, sapos
 sapos
 sapos
1 goteira
 sapos
 chuva
 o sol
vindo do mato
 às 7
 da manhã
 A noite
a escuridão o vento as velas
de Lao-tsé
 Thoreau
e o meu cajado de bambu rachado
 o chão
 folhas úmidas

Sua poética, Max Martins já a definira num “Soneto” de seu primeiro livro: “os universos / Que transfiguro em flor e pedrarias” – daí em diante o que fez foi afiar as ferramentas, seja inicialmente com o diálogo formador com Mário Faustino, Benedito Nunes e outros, seja nas últimas décadas em seu constante entretecer de falas com Age de Carvalho. Depois de muito trabalho transfigurador, tal conjunto de “flor e pedrarias” certamente faz de Max Martins, cruzando diversas gerações de nossa poesia, um poeta muito maior do que seu silêncio/incêndio permite crer. Sua contribuição, se devidamente valorizada, colocaria Max no centro da discussão sobre poesia entre nós: mas ele, em seu sossego de mestre, nunca precisou disso.